



Luiz Paulo Grinberg

Jung

O homem criativo

Blucher

PSICOLOGIA

JUNG

O homem criativo

Luiz Paulo Grinberg

Jung: o homem criativo

© 2017 Luiz Paulo Grinberg

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockPhoto

[Nota: o autor optou por referenciar as citações de C. G. Jung por sua localização conforme o parágrafo, e não conforme a página, da versão inglesa das *Obras Completas*.]

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

DADOS INTERNACIONAIS DE
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Grinberg, Luiz Paulo

Jung: o homem criativo / Luiz Paulo
Grinberg. – São Paulo: Blucher, 2017.

304 p.: il.

ISBN 978-85-212-1051-1

1. Psicologia junguiana 2. Jung, C. G.
(Carl Gustav), 1875-1961 – Biografia
3. Psicanálise I. Título.

16-0211

CDD-150.1954

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicologia junguiana

Conteúdo

Introdução	11
1. Caminhando com a própria luz	15
2. A descida ao inconsciente	51
3. A Terra da Psique	79
4. A dança da energia	113
5. Sonhos e complexos	141
6. Arquétipos e inconsciente coletivo	167
7. Elaboração simbólica: o <i>opus</i> e a individuação	215
8. Um homem criativo	257
Glossário	275
Referências	289
Jung e seu tempo	295

1. Caminhando com a própria luz

Minha vida é a quintessência do que escrevi e não o contrário. O que sou e o que escrevo são uma só coisa. Todas as minhas ideias e todos os meus esforços, eis o que sou.

Jung

Infância: o segredo da criatividade

Muito mais que de fatos e acontecimentos externos, a biografia de Jung está permeada de descidas e viagens ao **inconsciente** (ver glossário): são imagens de sonhos, fantasias e reflexões interiores que ele foi, cuidadosamente, registrando e buscando compreender.

Como ele próprio afirma no início de suas *Memórias*, a lembrança da maioria dos fatos externos de sua vida esfumou-se em seu espírito ou, então, desapareceu. No entanto, os encontros com a realidade do inconsciente, onde sempre há abundância e riqueza, impregnaram profundamente sua memória.

Carl Gustav Jung (Figura 1.1) nasceu em 26 de julho de 1875, em Kesswil, uma cidade às margens do lago Constance, na Suíça. Logo após seu nascimento, a família mudou-se para o vilarejo de Klein-Hünningen, passando a

viver no presbitério do castelo de Laufen, onde seu pai, Johann Paul Achilles Jung (1842-96), exercia as funções de pastor protestante da Igreja Reformada Suíça. Além de ter-se preparado para o sacerdócio, o velho pastor Paul havia feito doutorado em filologia e linguística.



Fonte: Wikimedia Commons

Figura 1.1 *Carl Gustav Jung.*

Sua mãe, Emilie Preiswerk Jung (1848-1923), era a filha caçula de um pastor da Basileia, Samuel Preiswerk, erudito e inclinado à poesia, que exercia a função de livre-docente em língua e literatura hebraicas.

Os pais de Jung tiveram três filhos: Paul, que morreu com poucos dias de vida; Carl, que nasceu dois anos depois; e Gertrudes, nascida quando o segundo filho estava com nove anos.

O primeiro sonho do qual Jung se recorda aconteceu quando ele tinha mais ou menos três anos de idade. Extremamente significativo, esse sonho marcou toda a sua vida.

Desço por uma cova escura com uma escada de pedra e chego a um salão onde há um trono real dourado sobre o qual está apoiado uma espécie de fálus ou pênis gigante com um olho no topo da cabeça: [...] havia algo em pé sobre o trono, como um tronco de árvore de uns três metros de altura e quase meio metro de diâmetro [...] feito de couro e de carne, com uma cabeça arredondada, sem rosto nem cabelos. No alto, havia um único olho imóvel, voltado para o alto, sobre o qual pairava uma aura luminosa. O fálus estava imóvel mas, a qualquer momento, poderia rastejar como um verme em minha direção. Isso me apavorou e, naquele instante, ouvi a voz de minha mãe dizendo que “aquilo era o antropófago”. (JUNG, 1978, p. 25-26).

Muitos anos depois, Jung compreendeu que aquele enorme pênis significava um *fálus ritual*, uma imagem da criatividade. Como uma espécie de divindade, o *fálus* representava a primeira descida corajosa ao mundo do inconsciente e o contato com sua criatividade. Foi uma espécie de **iniciação** (ver glossário) do menino Jung no reino das trevas e nos mistérios da Terra da Psique (JUNG, 1975, p. 28), momento fundamental em sua vida, quando então principiava, no nível inconsciente, como ele mesmo afirmou, sua vida espiritual. Anos mais tarde, Jung afirmou que esse primeiro sonho ocorrera “para que a mais intensa luz possível se produzisse na escuridão”. Era o princípio de uma busca e do contato com o mundo da fantasia e do mistério que perdurou por toda a sua vida.

Introvertido e sensível, Jung teve muitos momentos de intensa solidão. Passava horas brincando sozinho, construindo torres com cubos de madeira, desenhando quadros de batalhas ou enchendo um caderno com borrões de tinta para os quais criava interpretações fantásticas.

A pedra e o fogo

Aos 6 anos, o pai começou a ensinar-lhe latim, enquanto a mãe lhe contava histórias sobre religiões exóticas, particularmente da Índia, impressas em um livro ilustrado para crianças, o *Orbis pictus (Imagens do Universo)*, do século XVII. Em sua obra, encontramos muito do fascínio que tinha por aquelas imagens do Oriente, particularmente em *Símbolos da transformação*.

Dos sete aos nove anos, uma de suas brincadeiras preferidas era manter uma pequena fogueira acesa dentro do buraco de um velho muro no jardim de sua casa. O fogo deveria estar sempre aceso. Outras crianças ajudavam a recolher a madeira, mas somente ele podia ter contato e cuidar diretamente do fogo.

Em frente a esse muro, havia uma pedra, a *sua* pedra, sobre a qual Jung sentava-se durante horas, mergulhado em pensamentos do tipo “estou sentado sobre ela...; mas a pedra também pode pensar ‘ele é que está sentado sobre mim...’; então, sou aquele que está sentado sobre a pedra, ou sou a pedra na qual *ele* está sentado?”. Acompanhado de um sentimento de obscuridade e fascínio, Jung perguntava-se quem seria o quê, ali, naquela estranha relação.

Por volta dos dez anos, esculpiu um pequeno homem de uns seis centímetros de altura, pintou-o de preto, preparou-lhe um casaquinho de lã e fez-lhe uma caminha dentro de um estojo de lápis. Ao lado do homenzinho colocou um seixo de rio, alongado e polido, que pintou de várias cores. Como Jung tinha a sua pedra, o homenzinho também deveria possuir a dele. Depois, escondeu dentro de uma viga do sótão o estojo com a figura esculpida e carregou por muito tempo a pedra no bolso.

Esse ritual serviu para compensar sua insegurança e sensação de divisão interior. Muito criativamente, quando as coisas se tornavam difíceis, o menino Jung subia a seu esconderijo, contemplava o homenzinho e colocava junto dele um rolinho de papel escrito em uma caligrafia secreta que ele mesmo inventara. Cada ato de entrega de um novo rolinho tinha um caráter solene e sagrado. Os rolinhos formavam uma espécie de biblioteca do homúnculo. Tais rituais duraram um ano e marcaram o apogeu de sua infância.

O homenzinho e sua pedra foram uma primeira tentativa de dar forma ao *segredo* – traço essencial da juventude. Cerca de vinte e cinco anos depois, ao ler sobre as *churingas*, as pedras em que os aborígenes australianos costumam gravar seus relatos míticos, Jung encontrou uma referência que dava um sentido especial a seus rituais de infância.

As *churingas* eram esfregadas sobre o corpo para curar doenças, sendo utilizadas nos rituais de iniciação por meio dos quais o novo adepto recebia os ensinamentos e a força vital de seus ancestrais.

No fundo, esse homenzinho representava um cabiro, uma divindade relacionada com a origem da vida e a criatividade, embrulhado em seu manto, oculto na kista (caixinha), munido de uma provisão de força vital, a pedra oblonga e escura. (JUNG, 1978, p. 34-5).

Quando, anos depois, Jung tornou-se psiquiatra, graças às suas próprias experiências foi capaz de perceber que os pacientes também possuem um segredo, uma história que não é contada e que, em geral, ninguém conhece. Esse segredo que cada um possui foi fundamental na abordagem psicológica das pessoas que o procuravam em seu consultório.

Para mim, a verdadeira terapia começa somente após examinarmos a história do paciente. Esta representa o segredo que o desesperou, ao mesmo tempo que encerra a chave de seu tratamento. É indispensável que o médico possa descobri-la, propondo perguntas que digam respeito ao homem em sua totalidade e não limitar-se apenas aos sintomas. (JUNG, 1978, p. 110).

Adolescência: iniciação e passagem para a vida adulta

Aos onze anos, Jung entrou para o ginásio da Basileia, sendo arrancado do convívio com seus amigos camponeses. Em contato com crianças mais bem vestidas do que ele, que passavam férias nos Alpes e já haviam estado na

praia, filhos de pessoas poderosas, Jung compreendeu que era pobre. Assistia às aulas de sapatos furados e meias molhadas.

Seu pai não passava de um simples pastor protestante de aldeia. Enfrentar o sentimento de pena que começou a ter por ele, a inveja que sentia dos garotos, os professores, as aulas de religião, os fracassos nas aulas de desenho e de matemática, que detestava, foi difícil e tudo começou a se tornar insuportável.

Então aconteceu um episódio do qual tirou enorme proveito. Certo dia, enquanto esperava um colega com quem costumava voltar a pé para a vila onde morava, tomou um soco de um garoto, bateu com a cabeça no chão e ficou zozzo durante quase meia hora. Naquele momento, ainda caído no chão, ocorreu-lhe uma ideia luminosa: por causa daquela pancada, não precisaria mais ir à escola!

A partir de então, sempre que tinha de voltar ao colégio ou seus pais o obrigavam a fazer a lição de casa, Jung inventava um desmaio. Os pais, muito preocupados, consultaram vários médicos, mas nenhum conseguia descobrir a causa dos desmaios. Enquanto isso, o menino passava o dia fazendo o que mais adorava: sonhar, desenhar ou pintar – mergulhar no mundo dos mistérios da natureza. Mas, no fundo, ele tinha a impressão de estar fugindo de si mesmo. Uma vizinha, uma espécie de “grilo falante” lhe dizia que aquilo tudo não passava de uma farsa que ele próprio havia criado.

Um dia, quando o pai conversava com um amigo no jardim da casa, ouviu-o dizer que estava muito preocupado, pois temia tratar-se de uma doença incurável e que não sabia o que seria do filho, caso não pudesse ganhar a vida como simples pastor, uma vez que, levando o pequeno Carl aos médicos, havia perdido o pouco dinheiro que tinha. Ao ouvir o pai, o menino deu-se conta do que estava fazendo e decidiu vencer aquele estado que, de certo modo, ele mesmo havia criado. Foi ao escritório do pai, sentou-se à escrivaninha e tentou concentrar-se na gramática. Após dez minutos de esforço, desmaiou. Assim que recobrou os sentidos, tentou concentrar-se novamente nos cadernos dizendo a si mesmo: “Com todos os diabos! Não vou mais desmaiar!”. Mas tornou a cair após quinze minutos. Esforçou-se, e, depois de

meia hora, veio a terceira crise. Não desistiu, e trabalhou mais uma hora. Os acessos não voltaram.

Subitamente senti-me bem melhor do que nos meses anteriores... Foi assim que fiquei sabendo como se instala uma neurose... Pouco a pouco, a lembrança de tudo o que ocorrera se avivou e compreendi nitidamente que eu mesmo montara toda essa história vergonhosa... isto seria o marco do meu destino. (JUNG, 1975, p. 41).

Com efeito, as crises não se repetiram mais e Jung conseguiu voltar ao colégio após algumas semanas. A partir de então, ele possuía um novo segredo e passou a ser mais responsável e firme consigo. Nessa época, com doze anos, teve conscientemente, pela primeira vez, a noção de ser ele mesmo. Entrou, pela primeira vez, em contato com sua identidade profunda. Passou a sentir-se bastante orgulhoso de si, percebendo sua importância e autoridade. Todas essas descobertas tinham alguma relação com seu tesouro escondido no sótão: o homúnculo e sua pedra.

Um novo segredo: a “dupla personalidade”

Ao mesmo tempo, surgia um conflito: “Como posso sentir tanta autoridade dentro de mim, se não passo de um garoto solitário, que não sabe matemática nem gosta de ginástica, cheio de fracassos e com colegas que desconfiam de mim?”. Um velho sentimento de divisão interior, já conhecido mas que ainda não havia tomado forma, finalmente emergiu: a sensação de se perceber como duas pessoas ao mesmo tempo. Uma experiência bastante frequente na vida de muitas pessoas.

Jung descobriu que, no fundo, havia nele duas personalidades. Uma, que ele denominou *personalidade n. 1*, era o garoto que frequentava a escola e era menos inteligente, menos aplicado, menos decente e menos asseado que os demais; a outra, a *personalidade n. 2*, era seu homem interior: um velho desconfiado e distante do mundo dos homens, que vivia em contato com a natureza e com o mundo dos sonhos e da fantasia.

Como normalmente ocorre com a maioria dos adolescentes, a partir de sua autodescoberta, Jung passou a ver os pais de maneira diferente. Em sua mãe, que morreu quando ele tinha 48 anos, desde pequeno Jung também reconhecia dois lados: uma mulher convencional, a esposa do pastor que partilhava as opiniões tradicionais, que exigia dele boas maneiras e era uma mãe amorosa; e outra mulher, mais misteriosa e ligada à natureza animal, que se manifestava sempre de maneira inesperada e que, muitas vezes, principalmente à noite, lhe causava medo.

Com relação ao pai, que tinha explosões de **afeto** (ver glossário) e mania de doenças, Jung sentia pena e a ele fazia várias restrições. Enxergava-o como um homem estagnado, que não havia conseguido se desenvolver como pessoa. Um homem que não enfrentava suas próprias dúvidas religiosas, principalmente as relativas a Deus.

As respostas dadas ao filho sobre as questões teológicas eram sem vida, meras racionalizações destituídas da vivência religiosa. Jung percebia a incapacidade do pai em reconhecer a própria falta de fé. Sempre que era questionado, o pastor defendia-se dizendo que as pessoas deviam “acreditar, e não raciocinar”. O filho, então, cobrava a tal fé, mas o pai desistia do confronto e recuava.

A busca da verdade

Jung não se conformava. Ele havia tido uma fantasia muito forte, na época de sua primeira comunhão, na qual visualizava a imagem do próprio Deus “defecando sobre uma igreja, demolindo-a”. Eis sua interpretação: era como se, dentro dele, a postura do pai, dogmatizada e distante da verdadeira experiência religiosa, tivesse desmoronado. Como se o próprio Deus o obrigasse a enxergar seu outro lado: um lado temível, acima das tradições. Jung estava, outra vez, de posse de mais um segredo!

Então, era isso! Senti um grande alívio e uma libertação indescritível... chorei lágrimas de felicidade e gratidão... fora como uma iluminação. Fizera a experiência que meu pai não tinha tentado

– *cumprira a vontade de Deus. Quando põe à prova a coragem do homem, Deus não se prende a tradições... [como] Adão e Eva... [que] foram obrigados a pensar o que não queriam.* (JUNG, 1975, p. 47).

Apesar das divergências, o velho pastor Paul sempre esteve presente na vida do filho e o apoiou enquanto viveu. Mas quem ajudou Jung a elaborar suas questões a respeito de Deus, da fé e do conhecimento, foi a mãe, ou melhor, a personalidade n. 2 dela.

Depois da primeira comunhão e daquela terrível visão que o havia atormentado a ponto de a mãe achar que estivesse doente, Jung leu, estimulado por ela, o *Fausto*, do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe.

Fausto era uma espécie de filósofo que aprendera a se abrir para a verdade. Inspirado pelo personagem, que funcionou como um bálsamo para sua **alma** (ver glossário), inundada de emoções e abarrotada de tantos segredos, Jung começou a se aprofundar nas questões conscientes que o afligiam, mergulhando na leitura dos clássicos da literatura alemã e da filosofia.

Em *Fausto*, Jung encontrou uma tentativa de reconciliar na personalidade humana as tendências opostas do Bem e do Mal que o afligiam. Muitos de seus pressentimentos em relação ao problema de Deus, do espírito, da fé, ao conflito entre ciência e religião e a todas aquelas questões não respondidas por seu pai tinham raízes e antecedentes históricos.

Uma vez que se interessava por vários campos de estudo, Jung não teve muita facilidade para fazer sua escolha profissional. Sentia-se dividido: de um lado, seu interesse voltava-se para as ciências naturais, a zoologia, a paleontologia e a geologia. De outro, gostava da história comparada das religiões ou ciências do espírito, além da arqueologia dos povos da Antiguidade e da Pré-História. Havia também certa pressão familiar: seis tios maternos, além do pai e do avô materno, eram pastores. Mas, curiosamente, o pai não o queria teólogo.

O avô paterno, de quem herdou o nome, nascera em Mannheim, na Alemanha, estudara ciências e medicina em Heidelberg e, como Samuel, o pai de sua mãe, também mostrava inclinações poéticas. Por uma série de acontecimentos singulares, que não cabe mencionar aqui, Carl Jung, o avô, acabou se mudando para Basileia, na Suíça, a fim de ensinar na universidade.

Em meio a essa tensão, inspirado pela memória do avô e guiado por sua tremenda vocação, ocorreu a Jung a ideia de estudar medicina. Assim, aos vinte anos, ingressou na Universidade de Basileia, com uma bolsa de estudos que o pai lhe conseguira.

O tesouro da consciência e sua sombra

Muitos anos depois, trabalhando em sua árvore genealógica, Jung compreendeu que havia uma estranha e forte ligação entre as questões que ele levantava e as de seus antepassados, como se tivesse que dar solução ao que ficara incompleto ou sem resposta por parte de seus pais e avós. Quase como se houvesse um carma pessoal, transmitido por seus antepassados. Era como se as perguntas que fazia a si mesmo a respeito da natureza e do espírito não lhe pertencessem, mas sim à própria cultura na qual ele vivia.

Em meio às questões relativas à sua escolha profissional, Jung teve um sonho bastante significativo.

Avançava, à noite, em meio a uma tempestade e a uma densa neblina, protegendo uma pequena chama que segurava em uma das mãos. A luz ameaçava extinguir-se a qualquer momento e era preciso mantê-la acesa a qualquer custo, pois tudo dependia dela. De repente, tive a sensação de que estava sendo seguido e, ao olhar para trás, percebi uma sombra gigantesca que me acompanhava. Isso fez com que lutasse com tudo para salvar a luzinha. (JUNG, 1975, p. 86).

Quando despertou, interpretou a chama como sua própria **consciência** (ver glossário). O conhecimento de si mesmo era o único e o maior tesouro

que possuía e, apesar de muito mais frágil que aquela enorme sombra, sua única luz. Percebeu que era a personalidade n. 1 quem levava a luzinha e que, portanto, sua tarefa era continuar na tempestade: progredir nos estudos e ganhar o pão de cada dia, em meio a todas as complicações e frustrações e acompanhado pela personalidade n. 2, que o seguiria como uma sombra. Assim, investiu muito nos estudos, obtendo o diploma de médico com distinção.

No quarto ano de medicina, época em que devia optar por uma especialidade, aconteceram alguns fatos que o marcaram profundamente. Sem qualquer razão aparente, objetos e móveis de sua casa se partiram em pedaços: primeiro, uma enorme mesa circular de noqueira; logo depois, um armário de cozinha; e, finalmente, uma faca de pão, cujos pedaços Jung conservou até o final da vida.

Ele relacionou esses episódios às sessões espíritas que alguns de seus parentes, inclusive a mãe, estavam realizando com sua prima, Hèlène Preiswerk, uma jovem médium de quinze anos. A avó materna, Augusta, também era espírita, e o avô Samuel mantinha em seu escritório um sofá especialmente reservado para o espírito de sua falecida primeira mulher, Madalena, com quem dialogava secretamente uma vez por semana.

Jung decidiu, então, organizar encontros regulares, para estudar cientificamente aqueles fenômenos paranormais. Esses encontros conduziram-no a um ponto de vista *psicológico*, por meio do qual, pela primeira vez, adquiria conhecimentos objetivos sobre a alma humana.

Ele notou que os espíritos que Hèlène recebia e que falavam através dela eram aspectos dissociados de sua **psique** (ver glossário), fenômenos psíquicos objetivos que, apesar de serem inconscientes, faziam parte da sua personalidade e procuravam vir à luz. Tais experiências continuaram por dois anos e resultaram em sua tese de doutorado.

Mas seria adequado a um médico que estudara em uma tradicional universidade europeia envolver-se com esse tipo de fenômeno, em uma época em que a ciência pautava-se pelo determinismo e pela razão? Dezenas de anos antes, Jung certamente teria sido condenado à fogueira.

Naquele início de século XX convivia-se com duas visões de mundo, bastante diversas e separadas: a *mecânica*, científica, ligada à **análise** (ver glossário) e à reflexão, e a *intuitiva*, relacionada à fantasia e à imaginação. De um lado, o mundo da razão e dos fatos objetivos; de outro, a realidade dos sonhos e da subjetividade.

O predomínio da filosofia positivista no pensamento científico da época deixava pouco espaço para o estudo de fenômenos que não fossem passíveis de se repetir e comprovar dentro dos laboratórios. Assim, é possível que Jung tenha sido visto até mesmo como charlatão ou místico.

Positivismo

Sistema filosófico cujo maior expoente foi o pensador francês Auguste Comte. Seu surgimento está diretamente relacionado com as profundas transformações sociais e progressos técnicos ocorridos na sociedade europeia nos séculos XVIII e XIX. Comte, que nascera nesse período, acreditava possível uma reorganização racional da sociedade pela aplicação do conhecimento científico.

O termo *positivismo* é uma referência à fase amadurecida do espírito humano, em que, segundo Comte, o homem estaria preparado para abandonar as explicações teológicas e metafísicas dos acontecimentos, em favor do pensamento racional associado à observação atenta dos fenômenos e experimentação.

Uma revolução cultural

A partir da última década do século XIX, porém, a ciência positivista passou a ser criticada e a soberania da razão contestada. A visão mecânica e unilateral do homem, da mente e da natureza havia destruído os mitos tradicionais e muitas certezas de ordem metafísica. Se, por um lado, o racionalismo científico tinha levado às conquistas científicas que haviam contribuído de maneira extraordinária para o bem-estar material do indivíduo e da sociedade,

por outro, conduzira ao empobrecimento da espiritualidade, a um mundo desencantado, em que deixava de haver lugar para a maioria de seus mitos.

Os fenômenos irracionais passaram também a ser estudados e começaram a atrair a atenção de muitos escritores e pensadores. “Dizer e representar ‘o indizível’ tornou-se uma obsessão” (BRADBURY; MCFARLANE, 1989, p. 56). O inconsciente, nosso lado irracional – e principalmente o tipo e o grau de influência que uma mente poderia exercer sobre outra –, passou a ser sistematicamente investigado.

Por volta de 1882, quase vinte anos antes de Jung publicar sua tese sobre os fenômenos ocultos, foi fundada em Londres a Sociedade para a Pesquisa Psíquica, que, cautelosamente, estudava os fenômenos considerados “discutíveis”, e isso exatamente por serem irracionais: o magnetismo animal, a hipnose, o sonambulismo, o animismo, o automatismo, a telepatia e as alucinações. Um médico vienense, Franz Anton Mesmer (1734-1815), havia ficado famoso por conseguir tratar com sucesso uma gama variada de doenças nervosas por meio do magnetismo animal. Ele reduzira técnicas – como a sugestão e a simpatia psíquicas – a um campo magnético que podia ser manipulado com barras de ferro e ímãs de aço. Com relação à hipnose, Jean Martin Charcot (1825-93), neurologista francês, demonstrou que certas pessoas, ao passarem por uma situação de estresse emocional muito intenso, podiam ficar com um braço paralisado ou sem conseguir andar. Para demonstrar que isso era possível, ele hipnotizava pessoas saudáveis e, por meio da sugestão, fazia com que elas desenvolvessem quadros de paralisia, surdez ou cegueira momentânea. Quando passava o estado de transe hipnótico, elas voltavam completamente ao normal.

Um novo paradigma começava então a firmar-se com grande vigor nos vários campos da cultura, submetendo a mente a uma tensão que obrigava a conviver com o lado subjetivo da realidade e buscava integrar as duas visões: a mecânica e a intuitiva.

Não apenas a ciência moderna, mas também a literatura e as artes empenhavam-se em levar a mente humana para além dos limites da lógica da razão (ver, adiante, a leitura complementar “Em busca da quarta dimensão”).

Havia na virada do século a ideia de um complexo infinito de relações a se cruzarem entre si. O mundo começava a ser visto como um enorme poema. Coisas antes tidas como perpetuamente excludentes passavam a ser consideradas componentes de um fluxo, de um *continuum* dos **opostos** (ver glosário) – sim e não, vida e morte, homem e mulher, deus e demônio lado a lado, contrariando as regras do bom senso, entrelaçando-se, misturando-se...

O espírito de um poeta está constantemente amalgamando experiências díspares; a experiência do homem comum é caótica, irregular, fragmentária. Ele se apaixona ou lê Spinoza, e essas duas experiências não têm nada a ver uma com a outra, nem com o barulho da máquina de escrever ou com o cheiro do que está sendo cozinhado; no espírito do poeta, essas experiências estão sempre formando novos conjuntos. (ELIOT apud BRADBURY; MCFARLANE, 1932, p. 62-65).

O soberano intelecto corria o risco de virar um ditador e governar sozinho e isolado, e, pior, solteiro, sem a presença de uma companheira! Com o resgate do outro lado, abria-se a possibilidade para o feminino e as emoções. A fantasia, a imaginação, o sonho e a linguagem do mito começavam a ser valorizados e ganhavam espaço para sua expressão. O desconhecido, assim como a subjetividade, passavam a ser encarados como realidades em si, cheios de vida e de significados. Não era mais possível encaixar todo o mundo subjetivo em um conjunto de leis gerais e absolutas, espremidas dentro de fórmulas matemáticas previsíveis.

A realidade torna-se paradoxal

Depois desse rompimento, muitos dos conceitos que foram fragmentados precisaram ser reordenados e reestruturados. Um dos marcos dessa revolução cultural foi, sem dúvida alguma, a publicação, em 1900, de *A interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud. E apenas dois anos depois Jung iria expor em sua tese de doutorado os resultados das observações relativas à prima espírita,

fazendo uma revisão dos conceitos de sonambulismo, amnésia e de outros fenômenos considerados “discutíveis”.

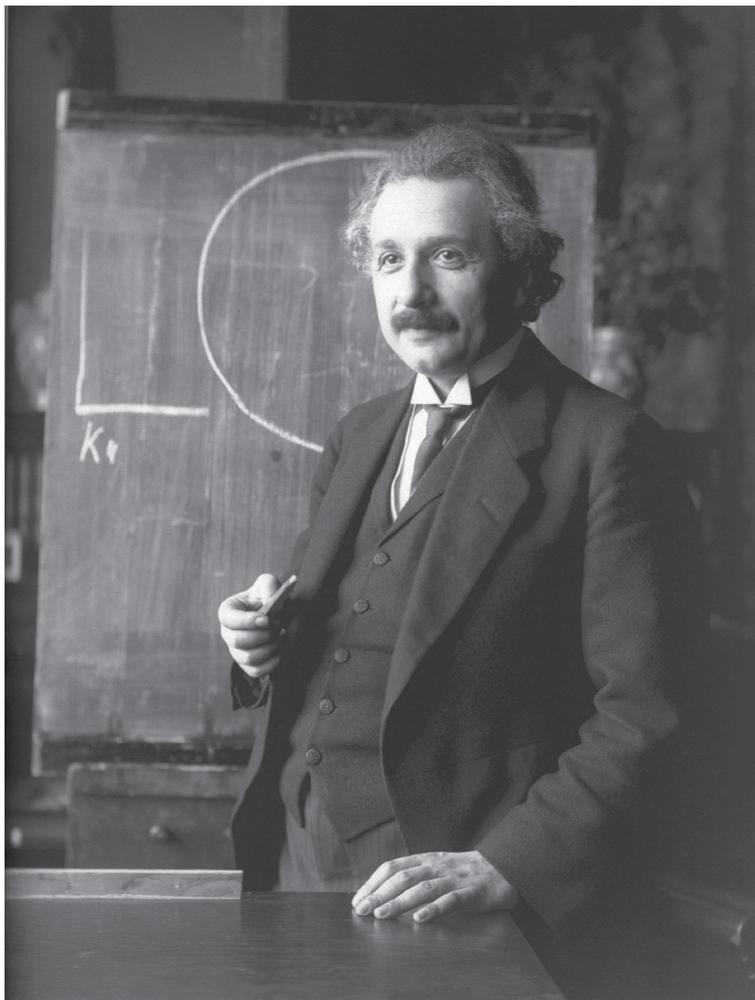
Apesar de começar a haver alguma abertura e um resgate dos fenômenos da alma – a fantasia, a imaginação, os sonhos, enfim, o inconsciente –, as coisas ainda eram vistas com os óculos do determinismo e do princípio de causa e efeito. E essa é a melhor (e pior) maneira de o intelecto e a crítica racional manterem o controle sobre o outro lado.

Seria necessário ocorrer, dentro da própria ciência, um salto capaz de destronar a ambição da física clássica em descrever o mundo de modo único e objetivo, livre da subjetividade. Esse salto foi dado, no século XX, pela física moderna: a realidade tornou-se tão paradoxal que nenhum sistema fechado de conceitos, objetivo e autossuficiente, pode corresponder a ela (ver, adiante, a leitura complementar “Espaço e tempo: construções relativas”).

O ideal do cientista do século XIX – que acreditava que todos os fenômenos podiam ser repetidos indefinidamente e que com uma pequena margem de erro se obteriam sempre as mesmas respostas – passou a ter um limite: alguns fenômenos podem ser estudados dessa maneira, mas não todos.

Os cientistas modernos abandonaram a ilusão de que é possível adquirir um conhecimento absoluto da natureza. Preocupam-se mais em descrever do que em definir os fenômenos, conforme procedem em relação à matéria nas pesquisas de física atômica. Sabe-se, por meio desses estudos, que a simples presença do pesquisador afeta o resultado da experiência.

Com os fenomenologistas descobriu-se que o mundo externo, tal como o enxergamos, está intimamente ligado à nossa percepção, à nossa presença nele como observadores conscientes. Isso implica que o universo adquire existência concreta unicamente como resultado dessa percepção. Portanto, só é possível compreender o mundo se nos incluirmos nele como participantes. Como disse Jung, se pretendemos não ter uma visão unilateral da realidade e não nos tornar ditadores em nossa própria casa, são necessários tanto o *polo objetivo* da realidade, comandado pela razão, quanto o *polo subjetivo*, expresso pela linguagem mítica da fantasia, dos sonhos e da imaginação.



Fonte: Wikimedia Commons

Figura 1.2 *Einstein, em 1921, após receber o Prêmio Nobel de Física.*

Foi em meio a essa teia simbólica de experiências fragmentárias – muitas vezes opostas e contraditórias mas que, no fundo, buscam alguma relação e significado para a alma e para a existência – que Jung, profundamente sintonizado com o espírito de sua época, desenvolveu sua obra. Para ele, a realidade é resultante do processo psicológico, do encontro entre o comportamento objetivo das coisas e a nossa visão subjetiva delas.

Voltemos agora a sua história e a seu caminho pessoal.

O encontro de duas forças

A opção de Jung pela psiquiatria, para decepção de seu professor de clínica médica que o havia convidado para ser seu assistente, veio quando ele se preparava para os últimos exames. Ao estudar o manual de psiquiatria que tinha deixado para o final, encontrou para **psicose** (ver glossário) a definição de “doença da personalidade”. Imediatamente, uma forte emoção o dominou, tirando-lhe o fôlego e fazendo seu coração disparar. Teve então uma intuição profunda, uma espécie de iluminação que o fez compreender que sua meta não poderia ser outra que não a psiquiatria.

[Somente] na psiquiatria poderiam confluír os dois rios do meu interesse, cavando seu leito em um único percurso. Ali estava o campo comum da experiência dos fatos biológicos e dos fatos espirituais, que, até então, eu buscara inutilmente. Tratava-se, enfim, do lugar em que o encontro da natureza e do espírito se tornava realidade. (JUNG, 1975, p. 104).

Logo após concluir o curso de medicina, com 25 anos, em 10 de dezembro de 1900, Jung assumiu o posto de médico-assistente na Clínica Psiquiátrica Burghölzli, em Zurique, sob direção de Eugen Bleuler. Ali teve contato com muitos doentes mentais em estado grave, pessoas apresentando quadros de alucinação e delírio. Passou também um semestre em Paris, estudando com Pierre Janet, onde aprendeu mais sobre os fenômenos discutíveis: automatismo mental, dupla personalidade, rebaixamento de consciência e ideias fixas subscientes (os *complexos*, que veremos adiante).

Eugen Bleuler

Psiquiatra suíço que se tornou famoso ao escrever um manual de psiquiatria no qual substituiu o conceito de demência precoce pelo termo *esquizofrenia*. Naquela época, como não existiam nem medicamentos nem abordagens mais adequadas de tratamento, o doente piorava muito

rapidamente, sofrendo uma desintegração da personalidade, que ocorria, principalmente, com adultos jovens. Daí a denominação *demência precoce* para esse estado. Bleuler procurou psicologizar a psiquiatria. Humanitário e afetuoso, tratava os doentes mentais antes de tudo como pessoas e insistia na importância de uma atitude positiva do médico para com eles. Suas atitudes tiveram grande influência sobre Jung.

Em 1907, Jung publicou seus estudos sobre *psicologia da demência precoce*, demonstrando que os sintomas apresentados pelo doente mental, por mais incompreensíveis que pudessem parecer, estavam carregados de significados: descreviam seu sofrimento, seus desejos e também suas potencialidades não desenvolvidas. Tais manifestações, estranhas e bizarras, devem ser vistas como **símbolos** (ver glossário) de pensamentos que não só podem ser compreendidos em termos cotidianos, como também existem dentro de cada um de nós.

A semente do paradoxo, do caos incluído no cosmos que florescia no espírito moderno, começava a desabrochar brilhantemente no pensamento de Jung. No final de suas *Memórias*, ele diz: “O homem deve sentir que vive em um mundo misterioso onde acontecem coisas inauditas... o inesperado e o inabitual fazem parte do mundo. Só então a vida é completa” (JUNG, 1975, p. 308).

Encontros e desencontros

Em 1895, ano em que Jung ingressou na faculdade de medicina, Freud havia publicado juntamente com Joseph Breuer um outro livro revolucionário: *Estudos de histeria*. Tratando o célebre caso da paciente Anna O., que sofria de sintomas de paralisia histérica (quer dizer, de causa não orgânica), Freud desenvolveu algumas das técnicas inovadoras que deram lugar ao nascimento da psicanálise. Ele descobriu que pacientes histéricos sofriam de antigos conflitos sexuais que estariam guardados no inconsciente. Atingidas e desvendadas as causas inconscientes dos conflitos por meio da análise dos sonhos e das **fantasias** (ver glossário), seria possível aliviar e tratar os sintomas.

Jung travou contato com as ideias de Freud logo nos primeiros anos de sua carreira como psiquiatra. Para sua sorte, Bleuler, seu professor, foi um dos primeiros psiquiatras ortodoxos a reconhecer a valiosa contribuição de Freud. Ele adotou as novas ideias da psicanálise na compreensão do significado dos delírios, encarregando Jung de chefiar a equipe que levou a cabo as pesquisas que culminaram na descoberta dos complexos inconscientes.

Jung viu em Freud um companheiro de viagem e enviou-lhe cópias de seus trabalhos a respeito da existência dos complexos inconscientes, confirmando as concepções freudianas sobre o mecanismo do *recalque*, ou repressão. Ambos encantaram-se um com o outro, principalmente porque os dois desenvolviam trabalhos pioneiros e inéditos no campo da medicina e da psiquiatria.



Figura 1.3 Hieronymus Bosch, A tentação de Santo Antão, (1505): o mundo não é como pensamos.

Recalque

É uma espécie de mecanismo de defesa, um tipo de estratégia inconsciente que faz com que, por exemplo, nos esqueçamos de fatos indesejáveis. Funciona, mais ou menos, como o porteiro de uma festa que não deixa entrar uma pessoa sem convite. Dessa maneira, evitamos o contato com lembranças incômodas e emoções dolorosas.

A partir de 1906, Jung e Freud passaram a se corresponder regularmente por meio de cartas, que, posteriormente, foram publicadas (359 cartas trocadas entre 1906 e 1913). O primeiro encontro entre os dois deu-se em 27 de fevereiro de 1907, quando Jung, então com 32 anos, viajou até Viena para visitar Freud, já bem mais velho que ele, com cinquenta anos. Tal visita ficou célebre: Jung e Freud conversaram durante treze horas e, após esse encontro, estabeleceram uma estreita colaboração que durou aproximadamente sete anos. Nesse período, mantiveram correspondência, analisaram mutuamente seus sonhos, trocaram confidências, discutiram casos clínicos. Como em uma verdadeira paixão! Freud desejava ter Jung como seu sucessor, “seu príncipe herdeiro”, como ele mesmo disse em uma das cartas. Jung, de sua parte, encontrou em Freud o pai intelectualmente corajoso que o pastor Paul não fora.

O austríaco Freud, que costumava tratar mais de **neuroses** (ver glossário), considerou esse encontro com Jung, o psiquiatra suíço, crucial por duas razões: porque se abria para a psicanálise o misterioso mundo das psicoses e pelas chances de tirar a psicanálise do gueto judaico vienense e abri-la para o mundo científico internacional.

Logo se formaram dois centros de psicanálise: um em Viena, ao redor de Freud, e outro em Zurique, em torno de Jung, que passou a se dedicar à causa psicanalítica, desempenhando um papel fundamental no movimento psicanalítico.

No outono de 1909, ambos viajaram aos Estados Unidos em companhia de Sandor Ferenczi, outro psicanalista, para realizar conferências na Clark

University, em Massachusetts. Ali, Jung apresentou seus trabalhos com os testes de **associação** (ver glossário) de palavras e sobre a teoria dos complexos inconscientes. Um sonho tido por Jung durante essa viagem, que durou sete semanas, marcou o início das divergências conceituais entre os dois gênios:

Estava numa casa desconhecida de dois andares. Era a minha casa. Estava no segundo andar, em uma espécie de sala de estar, com belos móveis estilo rococó... Desci a escada. No térreo, onde havia uma penumbra, tudo era mais antigo, datando do século XV ou XVI. A instalação era medieval e o ladrilho vermelho. Desejando explorar a casa inteira, cheguei diante de uma pesada porta e a abri. Deparei com uma escada de pedra que conduzia à adega e, ao descê-la, encontrei-me em uma sala muito antiga, com o teto em abóbada. As paredes datavam da época romana. No piso, encontrei uma argola, a laje se deslocou e encontrei outra escada de pedra, chegando finalmente a uma gruta baixa e rochosa. Em meio à espessa poeira que recobria o solo, descobri vestígios de uma civilização primitiva. Ossadas, restos de vasos e dois crânios humanos, provavelmente meio velhos, já desintegrados. (JUNG, 1975, p. 143).

Discordando da interpretação de cunho mais pessoal dada por Freud, Jung interpretou esse sonho como uma revelação que seu inconsciente fazia à sua consciência, mostrando as camadas que o constituíam: o andar térreo, de estilo medieval, a adega romana e, por fim, a gruta pré-histórica representavam níveis de consciência ultrapassados. Foi a partir desse sonho que ele formulou pela primeira vez o seu conceito de **inconsciente coletivo**: “um diagrama estrutural da alma humana, uma condição prévia de natureza essencialmente impessoal” (JUNG, 1975, p. 145).

O sonho mostrara que a psique humana também havia evoluído, embora alguns aspectos inconscientes do homem moderno se assemelhassem a elementos da mente primitiva.

Alguns fatos estranhos ocorreram em alguns desses encontros. Certa vez, Jung foi a Viena para debater com Freud sobre premonição e outros fenômenos irracionais. Freud, que, por sua vez, estava bastante atento a assuntos que poderiam denegrir a imagem da psicanálise como ciência e afastá-la do mundo acadêmico, preferia estrategicamente rotular essas questões como “tolices”. Jung conta que, à medida que Freud ia contra-argumentando, seu diafragma começara a arder. Será que se lembrava das discussões com o próprio pai, o pastor Paul?

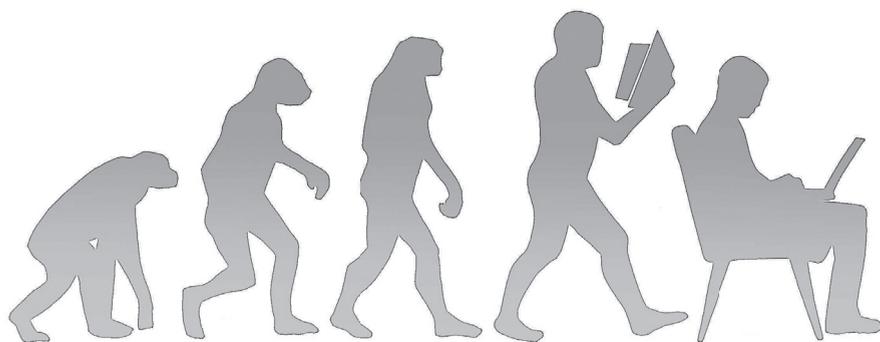


Figura 1.4 *Podemos comparar a psique com um órgão invisível que, como o corpo humano, também evoluiu.*

Logo após essa estranha sensação, ambos assustaram-se com um forte estalo que vinha da estante, na sala onde se encontravam. Acharam que a estante iria desabar sobre suas cabeças. Imediatamente, Jung interpretou o fato: “um fenômeno catalítico de exteriorização”. Interpretação que Freud considerou puro disparate. Mas Jung, baseado em pura intuição, replicou: “O senhor engana-se, professor. E para lhe provar que tenho razão, afirmo... que o mesmo estalido se reproduzirá”. Dito e feito! Mal havia pronunciado tais palavras, o ruído na estante se repetiu. Freud ficou horrorizado.

Gradualmente, iam-se delineando as diferenças entre os dois pioneiros. Desde o início, Jung discordava da maneira como Freud impunha sua visão da psique, principalmente no tocante à questão da sexualidade e à sua atitude com relação ao espírito. Para Freud, a cultura e a civilização humanas são fruto da pulsão sexual “desviada” – quer dizer, sublimada –

para outras formas. A pulsão (*trieb*, em alemão), cuja manifestação é a libido sexual, é algo que existe no limite entre o psíquico e o somático e estaria na origem de todas as atividades e comportamentos humanos, das neuroses à criatividade.

Essa concepção acerca da formação da cultura tocava no nervo central das buscas de Jung, que acreditava na existência de um impulso para a espiritualização (ver Capítulo 3) tanto quanto na de qualquer outro, como os **instintos** (ver glossário) de sobrevivência e a preservação da espécie. Além disso, a libido sexual não estaria simplesmente a serviço das necessidades biológicas, mas englobaria a espiritualidade, como ocorre segundo algumas religiões do Oriente. Como iria demonstrar posteriormente em suas obras, Jung via na sexualidade uma expressão da totalidade psíquica, mas não a única, discordando de Freud, que parecia querer elevar a sua teoria sexual à “categoria de dogma” (JUNG, 1975, p. 143-5). Como veremos no Capítulo 4, para Jung a libido poderia ser sexualizada ou não.

Sublimação

Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem relação aparente com a sexualidade mas que, segundo ele, teriam como elemento propulsor a força da pulsão sexual. A pulsão é sublimada ao ser derivada para um novo objetivo não sexual que visa objetos socialmente valorizados, como as atividades artísticas e a pesquisa científica.

Hoje se sabe que a questão sexual foi um dos pontos principais da divergência entre ambos. Essa diferença pressupunha pontos de partida diversos sobre o funcionamento psíquico que implicavam modelos diferentes de ser humano. Na visão dualista de Freud, o fundamento da psique humana seriam as *pulsões*, fragmentadas em essência. Decorre daí que, para o modelo freudiano, o homem é um ser fundamentalmente dividido, enquanto, no modelo proposto por Jung, o ser humano é visto como único e indivisível.

	FREUD	JUNG
Energia psíquica/libido	Energia sexual	Energia psíquica
Desenvolvimento	A libido segue seu desenvolvimento em quatro estágios (oral, anal, fálico e genital) conforme a modalidade de ligação com os objetos	Individuação
Ser humano	Fragmentado – pulsões	Uno-totalidade
Inconsciente	Pessoal. Formado pelas pulsões e conteúdos reprimidos da infância (id)	Pessoal (complexos) e coletivos (arquétipos)
Sonho	Transferência, defesas, interpretação, conteúdo latente e manifesto	Capaz de criar símbolos de maneira autônoma, elaboração simbólica
Cultura	Sublimação (superego, tabu do incesto, complexo de Édipo)	Disposição inata, instintiva (<i>Anima/Animus</i> , herói)
Psicoterapia	Análise	Análise + síntese

Símbolos da transformação

A relação entre Freud e Jung já estava tensa quando este publica, em 1911 e 1912, em duas partes, no *Jahrbuch* – o primeiro periódico de psicanálise – seu ensaio *Metamorfoses e símbolos da libido* (publicado como o volume 5 das *Obras completas*). Nele, Jung expunha seu conceito de **energia psíquica** (ver glossário). O sonho relatado anteriormente sobre os dois crânios constituiu uma espécie de introdução para esse livro e também redespertou seu antigo interesse pela arqueologia. Começou, então, a se aprofundar nos estudos sobre mitologia e simbolismo dos povos antigos – o que ia de encontro à recomendação de Freud para que os psicanalistas também estudassem os mitos. Jung leu com interesse a obra de Friedrich Creuzer em quatro volumes sobre o *Simbolismo e mitologia dos povos antigos* (1810-1812) e continuou a linha de pesquisa de Bleuler na compreensão do conteúdo dos delírios como manifestação de complexos arcaicos inconscientes.

Em sua busca, Jung deparou com um artigo publicado alguns anos antes por um psicólogo, Theodor Flournoy, que tratava da produção fantástica de uma paciente, Miss Miller, uma americana que durante uma viagem à Europa havia tido várias visões e inspirações poéticas muito ricas em material simbólico.

O material publicado ajudou Jung a organizar a verdadeira miscelânea de ideias e imagens com que lidava. E então, a partir de seus conhecimentos e das fantasias de Miss Miller, nasceu o livro que definiu sua ruptura definitiva com Freud: *Símbolos da transformação*. O original, escrito em alemão, está repleto de citações em latim, grego, inglês e francês. Nele, Jung demonstra toda sua erudição, como se estivesse liberando um material acumulado dentro de si durante anos. Há referências à *Bíblia*, aos *Upanishads*, ao *Épico de Gilgamesh*, à *Odisseia*, a vários poetas e filósofos (Goethe, Nietzsche), arqueólogos, linguistas, historiadores da religião, estudiosos de mitologia, além de psiquiatras e psicanalistas contemporâneos.

Mas o principal nesse livro são as três novidades que Jung traz para o mundo psicanalítico. Duas dizem respeito diretamente ao conceito de libido, que passa a ser considerado simplesmente energia psíquica (de caráter não exclusivamente sexual) e seu surgimento na forma cristalizada de símbolos universais. A terceira refere-se ao mito do **herói** solar e sua luta para se diferenciar do mundo matriarcal do inconsciente. Esse mito, dentre os diversos discutidos no livro, assume uma importância em particular.

Sigfried ou Sig-Freud?

Em 1912, Jung dá uma série de conferências sobre a psicanálise em Nova York, publicadas no ano seguinte (volume 6 das *Obras completas*). Eis os pontos de discordância.

Jung propõe uma revisão da teoria da libido, primeiro com relação às perversões e à psicose e, depois, em relação à neurose.

Para ele, as raízes da neurose não deveriam ser necessariamente atribuídas à infância, mas a um conflito atual (“é como atribuir as dificuldades da

Alemanha no século XIX às conquistas romanas”, dizia ele). A questão da neurose não se resumia aos fantasmas sexuais dos desejos incestuosos pela mãe (complexo de Édipo), mas deveria ser colocada da seguinte maneira: “o que o paciente está tentando evitar?”, “qual a dificuldade da qual ele está tentando escapar hoje?”.

Apesar das divergências, no ano seguinte Freud encarrega Jung de defender a psicanálise no Congresso Internacional de Medicina (Londres, agosto/1913). No entanto, Jung apresenta suas próprias ideias a respeito da psicanálise como uma evolução. Nessa conferência, ao falar sobre os sonhos, Jung dá o seguinte exemplo:

Um jovem neurótico sonha que “está subindo um lance de escadas com a mãe e a irmã. Ao atingirem o topo, lhe avisam que sua irmã estava para ter uma criança. Uma interpretação ortodoxa apontaria o desejo incestuoso do rapaz. “No entanto”, pergunta-se Jung, “se o ato de subir a escadaria pode ser interpretado como um equivalente do ato sexual (trepar), por que olhar para as figuras da mãe, da irmã e da criança de maneira concreta? Por que não interpretá-las simbolicamente?”. (ELLENBERGER, 1970, p. 698).

Jung não concordava que o sonho expressasse apenas a realização dos desejos sexuais infantis reprimidos. Cada conteúdo onírico, para ele, possui a função de *símbolo*, que, etimologicamente, significa “aquilo que une”. O sonho *liga* a consciência ao inconsciente. Além disso, o símbolo fala por si: se você sonha com uma cobra, a cobra não é sinal, não quer dizer nenhuma outra coisa; é uma cobra. Cabe interpretar não apenas por que a pessoa sonhou com uma cobra, mas também para que a cobra surgiu em seu sonho.

No início daquele ano, 1913, por discordarem em relação a conceitos básicos sobre a natureza do inconsciente, Freud e Jung romperam sua ligação. Depois disso, nunca mais se reencontraram. Ao mesmo tempo em que se separou do pai da psicanálise, Jung rompeu também com a Associação Psicanalítica Internacional (fundada em 1910), da qual era presidente, renunciou

ao cargo de editor do *Jahrbuch* e abriu mão de sua carreira universitária. Retornaria à Escola Politécnica Federal de Zurique somente vinte anos depois.

Significativamente, o último capítulo de *Símbolos da transformação*, que trata da formação da consciência e de sua **diferenciação** (ver glossário) do inconsciente, ilustrada pela trajetória do herói solar que morre para poder renascer, foi denominado por Jung de “O sacrifício”. Ele próprio, heroicamente, também sacrificava suas conquistas para atender ao imperativo de sua **individualização** (ver glossário). Nessa época, com 38 anos, já havia adquirido uma posição destacada no campo profissional e científico e era bastante procurado em seu consultório particular. Iniciava, então, um novo e difícil período de solidão, a partir do qual, entretanto, suas ideias se solidificaram. Um sonho de 18 de dezembro de 1913 sintetizava aquele momento de sua vida:

Encontrava-me numa montanha solitária e rochosa, em companhia de um adolescente desconhecido, um selvagem de pele marrom-escura. Ao amanhecer do dia, antes da aurora, ecoou a trompa de Siegfried e compreendi que precisávamos matá-lo. Após o assassinato, cheio de remorsos por haver destruído algo tão belo, preparei-me para fugir, com medo de ser descoberto. Nesse instante uma chuva torrencial desabou para varrer todos os vestígios do atentado. (JUNG, 1965, p. 160).

A partir desse sonho, Jung percebeu quanto estava identificado secretamente com Siegfried – o herói da mitologia germânica que representava, para os alemães, a imposição heroica da própria vontade – e compreendeu a importância de abrir mão dos interesses, das conquistas e das ambições de sua personalidade n. 1, que ele, até então, havia heroicamente desenvolvido, ou seja, “matar Siegfried”.

O sacrifício do que parecia ser uma carreira de sucesso, como príncipe herdeiro da psicanálise e filho pródigo de Sigmund Freud (que corresponderia a sua projeção de Siegfried), começava a fazer algum sentido. Jung havia rompido com o pai e sua religiosidade dissociada e, agora, podia seguir seu próprio caminho.



Figura 1.5 *Viagem ao desconhecido.*

Leitura complementar

1. [Em busca da quarta dimensão]

Esses pintores [Picasso, Braque, Metzinger, Delaunay, Léger, entre outros], se ainda observam a natureza, já não a imitam e evitam cuidadosamente a representação de cenas naturais e reconstituídas pelo estudo. A verossimilhança já não tem importância, pois o artista sacrifica tudo às verdades, às necessidades de uma natureza superior que ele supõe sem descobrir. O assunto já não conta, ou conta muito pouco.

A arte moderna repele, de modo geral, a maioria das técnicas de agradar utilizadas pelos grandes artistas do passado. Estamos caminhando para uma arte inteiramente nova, que será para a pintura, tal como a conhecemos até agora, o que a música é para a literatura. Será pintura pura, assim como a música é literatura pura.

O amador de música experimenta, ao ouvir um concerto, uma alegria de ordem totalmente distinta da alegria experimentada ao ouvir os ruídos naturais, como o murmúrio de um riacho, o estrépito de uma torrente, o sibilar do vento em uma floresta ou as harmonias da linguagem humana fundadas na razão e não na estética. Do mesmo modo, os novos pintores hão de proporcionar aos seus admiradores sensações artísticas que decorrem unicamente da harmonia das luzes ímpares.

O objetivo secreto dos jovens pintores das escolas extremistas é fazer pintura pura. Trata-se de uma arte plástica inteiramente nova. Ela está apenas em seu começo e ainda não é tão abstrata como gostaria de ser [...].

Os novos artistas foram violentamente atacados por suas preocupações geométricas. No entanto, as figuras geométricas são a essência do desenho. A geometria, ciência que tem por objeto a extensão, suas dimensões e relações, sempre determinou as normas e regras da pintura.

Até agora, as três dimensões da geometria euclidiana bastavam para as inquietações que o sentimento do infinito desperta na alma dos grandes artistas. Os novos pintores não têm a pretensão, não mais que seus predecessores, de ser geométricos. Mas podemos dizer que a geometria é para as artes plásticas o que a gramática é para a arte do escritor. Hoje, os cientistas já não se limitam às três dimensões da geometria euclidiana. Os pintores foram levados espontaneamente e, por assim dizer, por intuição a preocupar-se com novas dimensões possíveis da extensão, que na linguagem dos ateliês modernos são designadas pelo termo *quarta dimensão*.

Encarada do ponto de vista plástico, a quarta dimensão parece decorrer das três dimensões conhecidas: representa a imensidade do espaço que, em um dado momento, se eterniza em todas as direções. É o próprio espaço, a dimensão do infinito; é ela que dota de plasticidade os objetos. Confere-lhes as proporções que merecem na obra.

Acrescente-se, enfim, que a quarta dimensão – essa expressão utópica que se deve analisar e explicar, de modo que a ela se ligue algo mais que um mero interesse histórico – veio a ser a manifestação das aspirações e inquietudes de um grande número de jovens artistas que contemplam as esculturas egípcias,

negras e oceânicas, meditam sobre os vários trabalhos científicos e esperam por uma arte sublime [...].

Desejando atingir as proporções do ideal, não mais se limitando à humanidade, os jovens pintores nos oferecem obras mais cerebrais que sensuais. Afastam-se cada vez mais da antiga arte das ilusões de óptica e das proporções locais para exprimir a grandeza das formas metafísicas. Eis por que a arte atual (cubismo), se não é a emanção direta de crenças religiosas específicas, apresenta não obstante algumas das características da grande arte, ou seja, da arte religiosa [...].

Os grandes poetas e artistas têm por função social renovar incessantemente a aparência de que a natureza se reveste aos olhos dos seres humanos. Sem os poetas, sem os artistas, a monotonia natural não tardaria a aborrecer os homens. A ideia sublime que eles têm do universo desabaria com rapidez vertiginosa. A ordem que encontramos na natureza, e que não passa de um efeito da arte, em breve se desvaneceria. Tudo mergulharia no caos. Não haveria mais estações, civilização, pensamento, humanidade; até a vida desapareceria, e, em toda, parte reinaria o vazio impotente.

Os poetas e artistas determinam as características de sua época, e o futuro se dobra docilmente aos seus desejos [...].

Por vezes se tem aventado, especialmente a propósito dos pintores mais recentes, a possibilidade de uma mistificação ou de um erro coletivos. Ora, não se conhece em toda a história da arte um único exemplo de mistificação ou erro artístico coletivos. Existem casos isolados de fraude e erro, mas os elementos convencionais que, em grande parte, compõem as obras de arte garantem a impossibilidade de que tais exemplos se generalizem.

Se a nova escola de pintura nos apresentasse um só desses casos, seria um acontecimento tão extraordinário que poderíamos considerá-lo um milagre. Conceber um caso assim seria conceber que de repente, em uma nação, todas as crianças nascessem privadas de cabeça, de uma perna ou de um braço, concepção evidentemente absurda.

Não há na arte erros ou mistificações coletivos. O que há são apenas épocas diversas e diversas escolas de arte. Muito embora o objetivo que cada uma

delas persegue não seja igualmente elevado, igualmente puro, todas são igualmente respeitáveis e, segundo as ideias que fazem da beleza, cada escola artística é sucessivamente admirada, desprezada e de novo admirada.

(APOLLINAIRE, G. *Os pintores cubistas*, 1913. In: CHIPPE, H. B. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 224-228).

2. [Espaço e tempo: construções relativas]

A física moderna confirmou, de forma dramática, uma das ideias básicas do misticismo oriental: a de que todos os conceitos que utilizamos para descrever a natureza são limitados, e não são características da realidade, como tendemos a acreditar, mas criações da mente, partes do mapa e não do território. Sempre que expandimos o reino de nossa experiência, as limitações da nossa mente racional tornam-se evidentes, levando-nos a modificar, ou mesmo abandonar, alguns de nossos conceitos.

Noções de espaço e tempo figuram, de forma destacada, em nosso mapa da realidade. Essas noções servem para ordenar coisas e eventos no ambiente que nos cerca, razão pela qual são de suprema importância em nossa vida cotidiana e em nossas tentativas de compreender a natureza por meio da ciência e da filosofia. Todas as leis da física exigem os conceitos de *espaço* e *tempo* para sua formulação. As profundas modificações desses conceitos básicos, efetuadas pela teoria da relatividade, constituíram, sem sombra de dúvida, uma das maiores revoluções na história da ciência.

A física clássica baseava-se não apenas na noção de um espaço absoluto, tridimensional, independente dos objetos materiais que contém e obedecendo às leis da geometria euclidiana, mas também na noção do tempo como uma dimensão separada, que é igualmente absoluto e flui de maneira uniforme, independentemente do mundo material. No Ocidente, essas noções de espaço e tempo achavam-se tão profundamente enraizadas nas mentes dos filósofos e cientistas que eram consideradas propriedades genuínas inquestionáveis da natureza.

A crença de que a geometria é inerente à natureza, e não apenas parte do arcabouço de que lançamos mão para descrever a natureza, tem sua origem

no pensamento grego. [...] Os gregos acreditavam que seus teoremas matemáticos eram expressões de verdades eternas e exatas acerca do mundo real e que as formas geométricas eram manifestações da beleza absoluta. A geometria era considerada uma combinação perfeita de lógica e beleza, creditando-se-lhe uma origem divina. Daí a máxima de Platão: “Deus é geômetra”. [...]

A filosofia oriental, ao contrário da grega, sempre sustentou que espaço e tempo são construções da mente. [...] A geometria não é inerente à natureza, mas fora imposta a ela pela mente humana. Os místicos orientais trataram-nas da mesma forma com que lidaram com todos os demais conceitos intelectuais, ou seja, como algo relativo, limitado e ilusório [...].

[A teoria da relatividade] se baseia na descoberta de que todas as medidas de espaço e tempo são relativas. A relatividade das especificações espaciais não constituía, por certo, novidade. Já se sabia, antes de Einstein, que a posição de um objeto no espaço só pode ser definida em relação a algum outro objeto, o que geralmente é efetuado com a ajuda de três coordenadas; e o ponto a partir do qual as coordenadas são medidas pode ser denominado localização do “observador” [...].

No tocante ao tempo, contudo, a situação na física clássica era completamente diferente. A ordem temporal de dois eventos era tomada como independente de qualquer observador. Às especificações que diziam respeito ao tempo – como “antes”, “depois”, ou “simultaneamente” – era creditado um significado absoluto, independente de qualquer sistema de coordenadas.

Einstein reconheceu que as especificações temporais também são relativas e dependem do observador. Na vida cotidiana, a impressão de que podemos dispor os eventos a nosso redor em uma sequência temporal única é criada pelo fato de que a velocidade da luz – aproximadamente 300 mil km/s – é tão elevada, comparada a qualquer outra velocidade que conhecemos, que podemos partir do pressuposto de que estamos observando os eventos no mesmo momento em que ocorrem. Tal suposição contudo é incorreta. A luz necessita de algum tempo para se deslocar do evento para o observador. Normalmente, esse tempo é tão curto que a propagação da luz pode ser considerada

instantânea; entretanto, se o observador se deslocar a uma alta velocidade com relação aos fenômenos observados, o lapso de tempo entre a ocorrência de um evento e sua observação desempenhará um papel crucial no estabelecimento de uma sequência de eventos. Einstein compreendeu que, nesse caso, observadores movendo-se a diferentes velocidades ordenarão os eventos de formas igualmente diversas no tempo. Para as velocidades comuns, as diferenças são tão pequenas que não podem ser detectadas; mas quando as velocidades aproximam-se da velocidade da luz, dão origem a efeitos comensuráveis. Na Física de alta energia, onde os eventos são interações entre partículas que se deslocam quase à velocidade da luz, a relatividade do tempo é bem estabelecida [...].

A relatividade do tempo também nos obriga a abandonar o conceito newtoniano de espaço absoluto. Considerava-se que esse espaço continha uma configuração definida de matéria a cada instante; agora, contudo, que a simultaneidade é vista como um conceito relativo, dependendo do estado de movimento do observador, não é mais possível definir esse instante preciso para a totalidade do universo. Um evento distante que ocorre em algum instante particular para um observador pode ocorrer antes ou depois para um segundo observador. Não é possível, portanto, falar-se acerca do “universo num dado instante” de maneira absoluta; o espaço absoluto independente do observador não existe.

A teoria da relatividade demonstrou, assim, que todas as medidas que envolvem espaço e tempo perdem seu significado absoluto, levando-nos a abandonar os conceitos clássicos de espaço e tempo absolutos [...]

[que] as coordenadas de espaço e tempo são apenas os elementos de uma linguagem utilizada por um observador para descrever seu meio ambiente.

(CAPRA, Fritjof. “Espaço-tempo”. In: *O tao da física*. São Paulo: Cultrix, 1986, p. 126-145).

Atividades

1. Forme um grupo de mais ou menos seis pessoas. A partir da lembrança dos segredos da infância, criem uma história baseada em fatos pitorescos, aventuras e situações diferentes que cada um viveu. Vocês podem pesquisar em livros de história, de mitologia ou nas histórias em quadrinhos, buscando associações e paralelos para enriquecer o relato. Aproveite para criar uma pintura, uma imagem que represente o *seu* segredo dentro da história.
2. Pesquise sobre alguns dos movimentos inovadores que na virada e nas primeiras décadas do século XX estavam ocorrendo em diversos campos da cultura (ciências, artes e literatura). Por exemplo, as várias correntes do modernismo, a teoria quântica, a teoria da relatividade etc.
3. Caso você tenha identificado na sua vida a existência de personalidades n. 1 e n. 2, concentre-se no tema escolha *profissional x vida pessoal*. Quando e como esses dois lados das pessoas costumam “brigar” e como eles podem se comunicar e se entender? Entreviste alguns profissionais sobre essas questões e crie um diálogo entre os “dois lados”. Depois discuta com seus colegas.
4. Invente, para dramatizar, um diálogo entre as personalidades n. 1 e n. 2. Imagine, por exemplo, a personalidade n. 1 de Jung, aquele menino que ia mal na escola, dialogando com a personalidade n. 2, o velho cheio de autoridade.

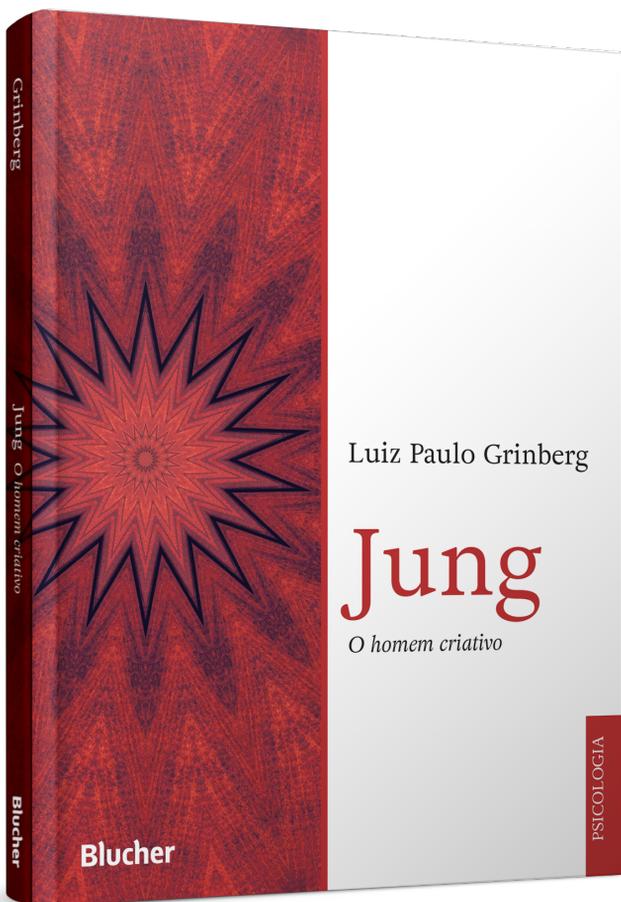
Questões

1. Você acha que devemos ter segredos? Qual a importância deles na nossa vida e até que ponto é possível compartilhá-los?
2. Com base no relato do episódio dos desmaios de Jung, que explicações podem ser dadas para sua neurose?

3. Qual era o principal conflito vivido por Jung e que paralelos podemos traçar entre sua dificuldade na escolha profissional e as duas visões de mundo existentes no início do século XX?
4. Quais as principais diferenças na concepção de espaço e de tempo, nas culturas Ocidental e Oriental, segundo o físico Fritjof Capra? (Veja texto da leitura complementar.)

Para saber mais

- *Memórias, sonhos, reflexões*, Carl G. Jung. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- *Jung – Vida e pensamento*, Anthony Stevens. Petrópolis: Vozes, 1993.
- *O ABC da relatividade*, Bertrand Russell. Lisboa: Publicações Europa-América, 1969.
- *O tao da física*, Fritjof Capra. São Paulo: Cultrix, 1986.
- *Auto de fé*, Elias Canetti. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.



Clique aqui e:

Veja na loja

Jung **O homem criativo**

Luiz Paulo Grinberg

ISBN: 9788521210511

Páginas: 304

Formato: 14x21 cm

Ano de Publicação: 2017
